

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública**

**Romances e Denúncias Sociais: o retrato da fome na
literatura de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos**

Sthefane Cristini Ribeiro Barros

**Trabalho apresentado à disciplina Trabalho
de Conclusão Curso II – 0060029, como
requisito parcial para a graduação no Curso
de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública
da Universidade de São Paulo.**

**Orientador: Prof. Dr. José Miguel Nieto
Olivar**

**São Paulo
2024**

Romances e Denúncias Sociais: o retrato da fome na literatura de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos

Sthefane Cristini Ribeiro Barros

Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão Curso II – 0060029, como requisito parcial para a graduação no Curso de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Nieto Olivar

**São Paulo
2024**



O conteúdo deste trabalho é publicado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional – CC BY 4.0

EPÍGRAFE

Quanto mortos (por fome, sede ou bala) teremos que conservar em nossas consciências até sentirmos força para um categórico: “Basta”? Até quando o Nordeste dos flagelados e dos explorados será apenas uma longínqua imagem que suscita indignação ao mesmo tempo em que nos acostuma com a “banalidade do mal”?

Marilena Chaui

Barros SCR. Romances e Denúncias Sociais: o retrato da fome na literatura de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos [Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Graduação em Nutrição]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2024.

RESUMO

Introdução: O presente trabalho tem como tema central a fome nos romances modernistas *O Quinze* e *Vidas Secas* de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Esses saberes configuram-se documentos históricos capazes de refletir a vida humana e as relações sociais. Ao trazer a temática da fome em suas obras, os autores quebram corajosamente com o silêncio instalado em seu entorno, iluminando aquilo que não era visto e nem questionado, abrindo espaço para discutir a fome como um problema social. Os objetivos voltam-se para o entendimento da construção de imagens e contextos em torno da fome nesses romances e para compreensão do potencial dessa literatura como uma ferramenta de denúncia contra a miséria enfrentada pelos retirantes sertanejos. **Métodos:** A metodologia adotada baseia-se em uma análise literária sociológica dialética cuja compreensão da obra, para além dos escritos, considera o todo social. **Resultados e Discussões:** Este trabalho foi dividido em três partes principais: Angústia da Fome, Violência e Dominação e Literatura Como Ferramenta de Denúncia. Na primeira, exploramos a representação da fome através da percepção pelos personagens, bem como a composição da dieta sertaneja. As cenas construídas na literatura são retratadas de forma calamitosa, evidenciando uma grave privação alimentar. Na segunda parte, através das falas dos personagens e dos contextos da obra é possível capturar elementos centrais da história brasileira. A violência e a exploração empregada contra os retirantes revelam grandes estruturas arbitrárias de poder na sociedade. Na terceira parte, assumimos a literatura como uma ferramenta de denúncia contra a miséria arquitetada em torno das secas. Os romances da década de 30 assumem um compromisso, sendo capaz de questionar e revelar as contradições intrínsecas do meio social. **Conclusão:** A construção das imagens e dos contextos em torno da fome nesses romances são marcadas por um sistema que se ancora na violência e na opressão. Todavia tais cenários transformam os retirantes em verdadeiros símbolos de força e resistência.

Descritores: Denúncias Sociais; Rachel de Queiroz; Graciliano Ramos; Fome; Violência; Literatura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
1.1. JUSTIFICATIVAS	8
1.2. AUTORES E OBRAS	10
2. MÉTODOS	16
3. ANGÚSTIA DA FOME	19
3.1. REPRESENTAÇÃO DA FOME	19
3.2. ALIMENTOS DA SECA	24
4. VIOLÊNCIA E DOMINAÇÃO	30
4.1. DOS CURRAIS À REPRESSÃO DOS FLAGELADOS	31
4.2. EXPLORAÇÃO DA MISÉRIA SERTANEJA	37
5. LITERATURA COMO FERRAMENTA DE DENÚNCIA	42
6. CONCLUSÃO	45
7. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA NO CAMPO DE ATUAÇÃO	47
8. REFERÊNCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise literária que tem por objetivo entender como os autores Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos em suas obras *O Quinze* e *Vidas Secas* construíram imagens e contextos em torno da fome no sertão nordestino durante a década de 30 e compreender o potencial dessa literatura como uma ferramenta de denúncia contra a miséria enfrentada pelos retirantes sertanejos.

Esse conjunto de saberes configuram-se documentos históricos, capazes de refletir sobre a vida humana e as relações sociais de determinado tempo e regionalidade. Nesse sentido, ao debruçar-se sobre a leitura desses clássicos abrimos caminhos para pensar as condições locais e o modo de vida do homem sertanejo, tendo em vista o engajamento social desses autores e do movimento que eles representam.

Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos fizeram parte da segunda fase do modernismo brasileiro, que compreende os anos de 1930 a 1945. Esse movimento artístico é marcado pelos romances regionalistas, que concentravam as suas reflexões em torno dos problemas locais, em especial, nas mazelas que atingiam a região nordestina, como: a seca, a fome, o cangaço, o coronelismo, a luta pelas terras, a crise do engenho, etc. Em síntese, pode-se dizer que essa geração vivenciou as típicas contradições de uma sociedade fragilizada (VARJÃO, 2012).

Destacam-se, dentro desse movimento, como os principais representantes, os autores Graciliano Ramos com a escrita de (*Vidas Secas*, 1938), Rachel de Queiroz (*O Quinze*, 1930), José Lins Rego (*Fogo Morto*, 1943), Jorge Amado (*Capitães da Areia*, 1937), José Américo (*A Bagaceira*, 1928) e Érico Veríssimo (*O Tempo e o Vento*, 1949-1961).

Frente a tantas mudanças, a produção da década de 30 foi considerada uma “revolução”. O movimento, conforme o crítico literário Antonio Candido, em seu sentido mais amplo, representou profundas transformações no campo intelectual. A arte e o pensamento brasileiro passaram a simbolizar tendências autênticas, aproximando-se da realidade social e da consciência política, além de romper com a artificialidade do academicismo (CANDIDO, 2006; LAFETÁ, 2000).

Conforme CASTRO (1965), os romances nordestinos revelam a tragédia da vida humana. A literatura regionalista tem a capacidade de expressar aspectos da realidade, trazendo consigo a catástrofe enfrentada pelos segmentos sociais mais vulnerabilizados do sertão. Nas obras de Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz aqui analisadas, a fome aparece no centro das narrativas, trazendo aos sertanejos a angústia e o sofrimento.

A fome é um fenômeno multifatorial reconhecido pela falta de recursos alimentares. Esse conceito polissêmico é comumente associado à necessidade biológica do corpo de ingerir quantidades específicas de nutrientes. Mas não somente, a fome é um problema social e político, nos dizeres de Carolina Maria de Jesus, é a pior coisa do mundo (JESUS, 2014).

Em sua obra *Geografia da Fome*, Josué de Castro, analisou vastamente a fome em diversas partes do Brasil. No sertão nordestino, essa problemática foi frequentemente associada ao clima e bioma da região, caracterizados pelos solos arenosos, pobres em nutrientes, pelas altas temperaturas e pela escassez de chuvas. Esse conjunto de peculiaridades, somados, era relacionado ao surgimento das calamitosas crises alimentares (CASTRO, 1984).

Josué de Castro descreveu esse problema como uma epidemia, pois compreendia episódios graves e passageiros de fome. A sua forma aguda, caracterizada pela extrema privação alimentar, intercalava-se com períodos de relativa abundância, tornando a região inteiramente diferente das demais: ora com períodos de fartura, ora de carência alimentar (CASTRO, 1984).

Embora a fome seja um problema devastador, naquele momento, havia um silêncio em seu entorno: a temática era considerada um “tabu”. Josué de Castro a coloca como um assunto “delicado e perigoso”, isso porque havia pouquíssimos escritos acerca dessa mazela e de suas diferentes manifestações em todas as partes do mundo.

O silêncio não era por acaso, mas de forma intencional: a ordem moral, política e cultural tornaram esse tema proibido. A reduzida produção científica não estava relacionada a um possível desinteresse por parte dos escritores e pesquisadores (CASTRO, 1984), mas à construção social da época interessava manter o problema silenciado.

Com o florescimento do comércio e do capitalismo, as formas de acesso aos alimentos deixaram de se pautar na reciprocidade, na questão moral entre os membros da comunidade e na domesticidade, descritas por Karl Polanyi. Os alimentos tornaram-se mercadorias cujo lucro era o principal objetivo e o seu acesso dava-se unicamente através do mercado (LEME, 2023).

Sob a ótica desse sistema econômico, os alimentos não poderiam ser vistos como uma solução para acabar com a fome. Josué de Castro afirma que o escândalo envolvendo as pessoas famintas poderia prejudicar os lucros dos negociantes, tornando a supressão da temática uma estratégia indispensável. De forma geral, os alimentos comercializados não deveriam ser associados aos interesses da saúde pública (CASTRO, 1984).

Conforme CASTRO (2003), o problema da fome não estava ligado a condições naturais insuperáveis, tratava-se de um produto de estruturas econômicas defeituosas. A rasa justificativa baseada nos eventos naturais escondiam as verdadeiras causas da miséria: a exploração econômica, que se ancorava na lógica do capitalismo e violentava uma população inteira em favorecimento de uma minoria.

Nesse contexto, a privação alimentar altera não apenas a dieta sertaneja, mas a vida, a história, o todo. Diante do exposto, reconhecer a existência da fome como um problema social é uma forma possível para poder variar. Os romances *O Quinze* e *Vidas Secas* mostram-se como dispositivos capazes de iluminar as sombras, exibindo aquilo que antes não fora visto e nem questionado. As obras de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos através da sua linguagem simples e única quebram corajosamente com esse silêncio, expondo os diversos problemas arquitetados em torno das secas. Dedicar-se a essas obras literárias é também se distanciar de uma realidade banal para poder pensar, refletir, propor e transformar o mundo onde vivemos.

Buscamos compreender, portanto, a construção dessas narrativas em torno da fome, dentro do contexto histórico, social e político da época. Na primeira parte deste trabalho exploramos a representação da fome, utilizando como base a percepção dos personagens e os cenários apresentados pelo narrador em torno da alimentação sertaneja. Na segunda parte, foram abordados alguns contextos bárbaros marcados pela opressão contra os retirantes que lutavam pela sua sobrevivência. Na terceira parte, assumimos esses romances como ferramenta de

denúncia contra a miséria em torno das secas, explorando a sua função social enquanto expressão artística. Esse trabalho pôde trazer à tona a memória de um povo, dando voz àqueles que não puderam falar, que foram silenciados.

Essa construção foi fruto da curiosidade sobre a inserção do profissional nutricionista dentro das ciências humanas. A grade curricular que me acompanhou ao longo desses cinco anos foram divididas em eixos que contemplavam a atenção dietética, a segurança alimentar e nutricional e o trabalho, ciência e cultura. E, meus gostos pessoais sempre englobaram a arte e a filosofia, então me surgiu a necessidade de tentar integrar pouco a pouco esses saberes, tanto através de disciplinas optativas quanto nos trabalhos acadêmicos, sendo o TCC um deles.

1.1. JUSTIFICATIVAS

A perda da memória, conforme o historiador Ricardo Costa, é um dos fenômenos mais trágicos da sociedade pós-moderna, visto que sem memória não há história. O autor, em seu artigo: *História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado* faz uma analogia através do quadro *Persistência da Memória* de Salvador Dalí para explicar a importância da memória na construção dos saberes humanos: “Um homem sem memória é como um relógio que se derrete...” (COSTA, 2007, p. 02).

Desconhecer o passado, atualmente, é como colocar uma venda sobre os olhos antes de explorar o mundo. “Sem memória, hoje, nossa civilização caminha desnordeada, [...] não tem consciência em seu presente, e não projeta perspectiva no futuro” (COSTA, 2007, p. 12). O conhecimento das nossas raízes amplia o direcionamento das nossas ações para a construção de uma sociedade mais justa.

Nesse trabalho, retorno ao passado para compreender o fenômeno da fome através de duas lentes humanas: Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Mas por que eles? Esses escritores são reconhecidos pela sua grandiosidade em retratar os problemas do Brasil ao mundo:

Romancistas como Graciliano Ramos, o grande mestre da narração, identificado de corpo e alma com a tragédia da miséria nordestina; como Jorge Amado que se injetou de sentimento negro até se contaminar por completo, agir intelectualmente como símbolo da raça; como Jorge de Lima mergulhando na lama humana da Lagoa

Mundaú; como José Américo que foi durante certo tempo duma sinceridade comovedora, sentindo até a medula a tragédia nordestina; como Raquel de Queiroz, com o corpo solto pelas ruas, mas com o coração sempre conscientemente batendo dentro das grades das cadeias, de encontro a outros corações sentenciados. (CASTRO, 1965, p. 58).

O retorno a esses clássicos após décadas de suas escritas permite o reencontro com o cenário nordestino, marcado por diversos conflitos sociais de interesses econômicos e políticos, que fazem parte da nossa história. A construção das imagens e dos contextos em torno das secas feita por esses autores abre espaço para reflexões sobre o movimento de transformação da sociedade brasileira.

Essas narrativas simbolizam as condições de vida do homem sertanejo, a luta pela sobrevivência em um ambiente repleto de hostilidade. As problemáticas apresentadas em *O Quinze* e *Vidas Secas* como o conflito em torno das terras, a privação alimentar, a violência, a exploração humana, o abuso de poder, o abandono de determinados espaços geográficos, o extermínio de minorias sociais nos são pistas para responder muitos questionamentos acerca das desigualdades e das injustiças presentes no agora: ainda carregamos as marcas de uma sociedade colonial escravista.

Os autores Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, ainda hoje, permanecem relevantes e atuais. O diálogo que os romances regionalistas fazem com o seu momento histórico, o engajamento político e social, são os principais motivos que os mantêm vivos com o passar dos anos (CATTAPAN, 2010). Em síntese, essas obras transcendem o seu momento de escrita e renovam-se a partir de cada nova leitura.

O Quinze e *Vidas Secas* desdobram-se sobre os elementos literários, históricos e sociológicos. Conforme WILLIAMS, “a linguagem, portanto, não é apenas um meio: é um elemento constitutivo da prática social material” (1979, p. 165). Dessa forma, pode-se dizer que o estudo desses autores não se limita ao campo literário, a sua compreensão nos leva à totalidade das relações sociais.

A escrita deste trabalho pretende contribuir com as discussões sobre fome em torno das secas na região nordestina e preservar a memória de um povo. Para VILLA (2000), a história das secas não se encerrou com a produção da década de 30 e 40, ainda há muito para se explorar

dentro da história regional, das classes sociais, das políticas públicas, dos movimentos de resistência popular, das manifestações culturais e de diversas outras questões.

Os acontecimentos que esses romances trazem são de grande relevância histórica, por vezes, pouco comentados ou até mesmo esquecidos, por isso mesmo precisam ser lembrados continuamente. O historiador Marco Villa, em seu livro *Vida e Morte no Sertão: Histórias das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*, estima que entre 1825 a 1983 morreram cerca de 3 milhões de pessoas em decorrência da seca. Esse número equivale à metade dos judeus mortos na segunda guerra mundial (VILLA, 2000).

Vale destacar que embora haja uma distância grande entre o nosso momento e esses acontecimentos, não se trata de um fato isolado e isso será elucidado ao longo do trabalho. Lembrar as ocorrências em torno das secas no nordeste brasileiro, não se resume a expor números, mas falar sobre vidas, histórias e experiências que se perderam, ou melhor, que foram vítimas de um terrível genocídio, assim como afirma Marco Villa.

Além da importância histórica, política e cultural desses autores e obras para dialogar sobre o cenário brasileiro de uma época, as razões pessoais também me levaram à realização deste trabalho. As narrativas em questão permitem explorar a fome (tema muito abordado no curso de nutrição) através de outras perspectivas, enriquecendo a minha formação acadêmica de maneira bem significativa. A produção desse trabalho é uma oportunidade para preencher as lacunas da grade curricular atendendo às minhas afinidades pessoais.

1.2. AUTORES E OBRAS

*Raquel de Queiroz*¹

Rachel Franklin de Queiroz nasceu no dia 17 de novembro de 1910 na cidade de Fortaleza no Ceará. A sua família pertencia à classe média brasileira, seu pai, Daniel de Queiroz, era juiz de Direito e fazendeiro; sua mãe, Clotilde Franklin, era de família erudita; sua bisavó, prima do escritor José de Alencar. A autora casou-se em 1932 com o bancário e poeta José Auto da Cruz Oliveira, com quem teve uma filha, Clotilde, que faleceu em 1935 vítima da meningite.

¹ Cronologia extraída da obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz (118ªed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2022).

Posteriormente (1940), casou-se novamente com o médico e escritor Oyama de Macedo, com quem passou a viver na Fazenda Não me Deixes, que herdara do pai.

A sua carreira no universo literário começou cedo. No ano de 1921, foi matriculada no tradicional Colégio da Imaculada em Fortaleza, onde se tornou professora diplomada aos 15 anos de idade. Em 1927, estreou na imprensa, a princípio, no jornal *O Ceará*, posteriormente, em *O Povo* e na revista *A Jandaia*. Em sua esteira no regionalismo, compôs dois romances de ambientação cearense: *O Quinze* e *João Miguel* (BOSI, 2015).

Em 1915 ocorreu a grande seca no Ceará, evento que fez com que sua família se mudasse para o Rio de Janeiro, voltando apenas em 1919 para uma chácara em Alagadiço. Esse evento inspirou a escrita de *O Quinze*, obra que ficou reconhecida por sua narrativa social em torno do Nordeste (BOSI, 2015).

Seu talento inestimável lhe rendeu diversas premiações ao longo da vida. Rachel de Queiroz recebeu o prêmio de romance da Fundação Graça Aranha, por contribuir honradamente com a literatura do país. Em 1977, tornou-se a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº5, fundada por Raimundo Correia. Esse acontecimento significou muito em sua trajetória: “A vitória da minha candidatura representou a quebra de um tabu. Neste sentido me senti satisfeita, porque vivi a vida inteira na luta contra os formalismos, as convenções, os tabus e os preconceitos” (NERY, 2002, p. 198). Em 1993 recebeu o prêmio Camões dos governos brasileiro e português e o prêmio Moinho Santista em 1996.

Em relação aos aspectos políticos, Rachel de Queiroz associou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB), mas teve essa ligação rompida pouco tempo depois, pois o comitê havia negado a aprovação para publicação da obra *João Miguel*. A autora sentiu a sua autonomia sendo afetada com a interferência dos membros do partido: “Como nunca gostei de bichinho preso, não admitia que ninguém me colocasse qualquer espécie de camisa de força. Eu atuava, mas tinha que atuar com plena liberdade” (NERY, 2002, p. 63). Em 1937, quando foi decretado o Estado Novo, foi presa durante três meses no quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza, por conta de sua militância política.

Raquel de Queiroz morreu em seu apartamento no Leblon no Rio de Janeiro no dia 04 de novembro de 2003, aos 92 anos de idade.

O Quinze

O Quinze começou a ser escrito por volta de 1929, publicado no ano seguinte. O cenário da obra se passa na região nordeste do Brasil, mais especificamente, no estado do Ceará. Dentro da narrativa é retratado o sofrimento e a angústia dos retirantes sertanejos que lutavam constantemente pela sobrevivência. “Tudo se passa, em *O Quinze*, dentro de um ambiente de absoluta realidade, tudo acontece com a mais perfeita naturalidade, naturalidade que é mantida em todo o livro sem nenhuma queda” (SCHMIDT, 2022, p. 167).

A narrativa divide-se em dois cenários principais: o primeiro não nos debruçamos com tanta intensidade: o contexto em torno de Conceição, uma jovem professora apaixonada por literatura e textos clássicos, que vive um romance irrealizado com Vicente. O segundo foi essencial para construção dos sentidos deste texto: a família de Chico Bento, vaqueiro que se retirou das terras onde trabalhava em decorrência da seca para buscar melhores condições de vida na capital cearense.

Com a ausência das chuvas, dona Maroca (proprietária da fazenda das Aroeiras, onde trabalhava Chico Bento) ordenou a abertura das porteiras para que os gados fossem soltos, essa decisão deu início a trama em torno do vaqueiro. A perda do emprego desestruturou completamente a vida do sertanejo: sem perspectiva nas terras interioranas, deu início à venda de seus pertences e planejou a sua saída em direção à capital.

A assistência do governo para a retirada dos sertanejos das regiões afetadas pelas secas havia se esgotado, restando-lhe as duras caminhadas até o destino final. Chico Bento trilha essa jornada juntamente com Cordulina (sua esposa), Mocinha (sua cunhada) e seus cinco filhos, Pedro, Josias, Manuel e outros 2 filhos que durante a narrativa não possui participação expressiva, mas segue com os pais para São Paulo no final da narrativa.

Nas maléficas estradas Chico Bento e sua família vivem os mais aterrorizantes episódios, que representam a vivência das diversas famílias de retirantes que foram forçadas a saírem de suas terras. Nesse contexto, os personagens vivem a fome na sua forma mais agressiva, enfrentam

a violência e o descaso do poder público frente aos graves problemas que emergiram em torno das secas. Ao final de todo sofrimento, a família decide viajar para São Paulo, pois as esperanças de melhoria na região norte e nordeste haviam se esgotado.

Esse livro foi definido por SCHMIDT (2022) como profundamente brasileiro, pela preocupação que o movimento modernista, em especial, Rachel de Queiroz, tomou para si, que inconscientemente lhe rendeu um papel político e nacional. A realidade é constatada sem a intenção de dar respostas ou fazer conclusões absolutas; as cenas da obra se voltam para a tragédia infinita em torno dos retirantes que são expulsos pela própria terra cuja seca se torna pano de fundo que se liga a todos os elementos da narrativa.

Graciliano Ramos²

Graciliano Ramos de Oliveira, filho de um casal sertanejo de classe média, nasceu no dia 27 de outubro de 1892 na cidade de Quebrangulo no estado de Alagoas. O autor viveu parte da sua infância em Buíque, onde a família tinha uma Fazenda. Contudo, a vinda da seca não permitiu que a criação do gado prosperasse, obrigando a família a mudar-se para Viçosa em 1899. Graciliano casou-se duas vezes, tendo oito filhos no total, quatro de cada casamento.

A sua carreira no meio das letras também começou cedo. Em 1906, começou a redigir periódicos e publicar sonetos na revista carioca *O Malho*, sob o pseudônimo de Feliciano de Oliveira. Em 1909, passou a colaborar no Jornal de Alagoas, publicando diversos textos com vários pseudônimos. Além de escritor, em 1927 foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios, local onde seu pai tinha uma casa comercial e seus irmãos e seu sobrinho morreram vítimas da peste bubônica. Também foi nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas em 1933, em meio a diversos escritos e publicações. No ano de 1939 foi nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário no Rio de Janeiro.

Em relação aos aspectos políticos, em 1936, Graciliano foi preso em Maceió e levado ao Rio de Janeiro, em decorrência do pânico de Getúlio Vargas após a Intentona Comunista, e liberto após um ano. Essa experiência é relatada na sua obra *Memórias do Cárcere*. Em 1945, filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB). Contudo, o autor se recusou a participar da

² Cronologia extraída da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (162ªed. – Rio de Janeiro: Record, 2023).

produção Realista Socialista, evitando que suas obras tivessem teor propagandista da esquerda política, todavia, seus escritos contêm uma visão crítica e política da época, descrevendo os problemas sociais decorrentes da grande seca (VARJÃO, 2012).

Em 1952, o autor viajou com sua esposa pela União Soviética, Tchecoslováquia, onde teve alguns de seus escritos traduzidos, também visitou França e Portugal. Ao retornar, já enfermo, foi submetido ao tratamento de pulmão em Buenos Aires. No ano seguinte, foi internado na Casa de Saúde no Rio de Janeiro, onde veio a falecer vítima do câncer, no dia 20 de março de 1953.

Vidas Secas

A obra *Vidas Secas* é dividida em 13 capítulos nos quais é construída a trama de Fabiano. O primeiro capítulo caracteriza a vida do retirante sertanejo durante o período de seca: um homem que percorre quilômetros em busca de condições dignas para a sua existência. Nessa caminhada, Fabiano é acompanhado de sua família: a esposa, sinha Vitória, e seus dois filhos, o menino mais novo e o menino mais velho, além da cachorra Baleia e o papagaio.

A necessidade de se retirar das terras de origem, configura-se uma violência sem limites. Nas estradas os personagens enfrentam frequentemente a fome e o cansaço. A jornada da família é curta, pois logo encontram uma fazenda abandonada, onde resolvem ficar para descansar. Todavia, com a vinda da chuva, o proprietário da fazenda retorna e oferece trabalho a Fabiano em troca da moradia.

A princípio, a dificuldade da família se ameniza, mas logo o que era fome dá lugar a um ambiente marcado pela opressão. Dentro da narrativa, surgem três elementos principais que transformam o cenário de Fabiano em um espaço repleto de repressão: o soldado amarelo, o patrão e o agente da prefeitura. Nesse contexto, a figura do Estado surge apenas para cometer injustiças e repressão.

[...]em *Vidas Secas*, a história de uma família de retirantes que vive em pleno agreste os sofrimentos da estiagem. É supérfluo repetir aqui o quanto o esforço de objetivação foi bem logrado nessa pequena obra-prima de sobriedade formal. *Vidas Secas* abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar: o “dono”, o “soldado amarelo”... (BOSI, 2015, p. 403-404).

Em *Vidas Secas*, apesar dos personagens demonstrarem resistência diante das situações de angústia, surgem os sentimentos de impotência e de conformismo com um futuro pré-determinado. Os sertanejos temem sempre a vinda de novas desgraças, que caracterizam a vida dos retirantes em meio às estradas: “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor” (BOSI, 2015, p. 399).

Essa obra é considerada um documento histórico-linguístico do movimento modernista da década de 30 no Brasil. A construção das imagens e dos contextos constata a opressão e as injustiças contra os retirantes sertanejos, o fenômeno do êxodo permite a realização de uma análise sociológica do cenário nordestino contido nessa narrativa (VARJÃO, 2012).

2. MÉTODOS

Ao realizar uma pesquisa é preciso métodos e técnicas que nos guiem para atingir os objetivos propostos. Para isso, é necessário que a pesquisa científica esteja atrelada a um método, ou seja, um meio para elucidar a capacidade de observar, selecionar e organizar os caminhos que devem ser percorridos (GAIO e col., 2008).

Este trabalho buscou entender como os autores Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos em suas obras *O Quinze* e *Vidas Secas* construíram imagens e contextos em torno da fome, além de compreender o potencial dessas obras na denúncia contra a miséria enfrentada pelos retirantes sertanejos. Para esse fim, adotamos como metodologia uma análise sociológica literária, esse método nos permite refletir a relação entre o meio social e a cultura.

O caráter sociológico de um estudo, conforme CANDIDO (2006), não se limita a apontar os problemas sociais existentes nas narrativas. As obras apresentam dimensões sociais profundas que revelam marcas e peculiaridades do seu período de escrita. Em sua obra, *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido, afirma que a análise crítica da literatura “pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel” (CANDIDO, 2006, p. 15).

A década de 30 foi marcada por diversas mudanças sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais. Apesar da pretensão dos romances não se pautarem na representação fiel da sociedade e de suas estruturas, para Carlos Coutinho, os romances regionalistas destacam-se na história da literatura por seu profundo realismo, os conteúdos sociais integram-se como parte dos escritos (COUTINHO, 2011).

Esses elementos sociais ao mesmo tempo que fazem parte das obras devem ser analisados com cautela. A dialética é uma abordagem amplamente defendida para que não se perca os fatores externos e internos à obra: “Em suma, a melhor posição em face da história cultural é, sempre, a da análise dialética” (BOSI, 2015, p. 385).

Para CANDIDO (2006), o texto literário não pode ser compreendido somente através da escrita, desvinculado do seu contexto. Da mesma forma, o seu valor e significado não

dependem unicamente daquilo que eles exprimem na realidade. A interpretação dos significados apoia-se em uma análise dialética, o fator social faz parte dos escritos, ou seja, o externo configura-se interno na medida em que se constitui parte da estrutura da obra.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2006, p. 04).

Nesse sentido, voltando-se para os objetivos propostos, a compreensão da fome dentro das narrativas pode apontar para problemas muito mais profundos. A existência da fome por si só repousa sobre questões sociais mais complexas cujo significado deve ser compreendido através de uma perspectiva dialética, que é capaz de desvendar os elementos constitutivos da obra. Para além da privação alimentar, a fome representa um sistema marcado pela violência, miséria e exploração.

Esses escritos são classificados por Alfredo Bosi como romances de tensão crítica, pois neles “os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda” (BOSI, 2015, p. 393).

Raymond Williams afirma que “a referência literária, para o que se supõe ser um fato social, é que é a estrutura verdadeiramente significativa” (WILLIAMS, 1989, p. 28). Pode-se dizer, dessa maneira, que os aspectos sociais externos representados no interior das narrativas exprimem significados essenciais para o entendimento da sociedade a que se faz referência.

Em consonância com esse pensamento, Frederico Neves argumenta que:

A avaliação histórica só é frutífera realmente a partir da busca dos significados gerais que inscrevem o acontecimento num campo de possibilidades abertas pelo conflito permanente de forças em que os sujeitos, nem sempre com a clara percepção deste fato, orientam suas estratégias e estabelecem as suas prioridades e objetivos (NEVES, 1995, p. 101).

Em relação à segunda parte dos objetivos, buscou-se compreender o potencial desses romances como ferramentas de denúncia. Dessa forma, os sentidos originalmente propostos do texto precisam ser ultrapassados para que as suas potencialidades sejam reveladas. Para isso, nos apoiamos sobre o pensamento de Paul Ricoeur, de acordo com o filósofo francês, os textos não devem ser vistos como um reflexo estático de uma realidade passada, devemos transformá-lo em um terreno fértil de interpretação e participação, ou seja, em um cenário dinâmico, onde podemos agir ativamente e pensar possibilidades futuras (RICOEUR, 1995).

RICOEUR (1995) argumenta que a exibição do poder que um texto pode atingir se torna superior à compreensão que o autor pode ter de si próprio. A partir das implicações do discurso, da atemporalidade, do processo de distanciamento, o leitor amplia o horizonte que outrora fora limitado:

O sentido de um texto não está por detrás do texto, mas à sua frente. Não é algo de oculto, mas algo de descoberto. O que importa é compreender não a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível, graças à referência ostensiva do texto. A compreensão tem menos do que nunca a ver com o autor e a sua situação. Procura apreender as posições de mundo descortinadas pela referência do texto (RICOEUR, 2009, p. 132).

O mergulho na história social por meio da literatura permite, portanto, desvendar a essência de uma época, o olhar crítico através de uma dialética contínua transcende a mera observação superficial. Conforme BASTOS (2005), as obras literárias trazem em seu interior as relações sociais e, enquanto textos, podem representar a sociedade e suas contradições.

Nessa perspectiva, somos desafiados a decifrar as complexidades de significados subjacentes às narrativas através das imagens e dos contextos construídos, buscando assim compreender os mecanismos de funcionamento da sociedade. Sob essa ótica, Tzvetan Todorov afirma que “sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, p. 92 - 93).

3. ANGÚSTIA DA FOME

3.1. REPRESENTAÇÃO DA FOME

Josué de Castro afirma que a fome é um fenômeno de alta variabilidade, que se manifesta das mais diversas maneiras. Em sua forma mais extrema, abrange a fome total cuja privação alimentar transforma suas vítimas em verdadeiros espectros vivos. Em sua forma mais discreta, é representada pela fome oculta, que atua silenciosamente através da falta de nutrientes específicos (CASTRO, 1968).

A fome representada nas obras *O Quinze* e *Vidas Secas* diz respeito à privação alimentar tanto em quantidade como em qualidade por um período longo de tempo, uma espécie de fome que Josué de Castro denominou como fome crônica. Em ambas as obras pode-se observar a escassez do começo ao fim, as famílias de retirantes lutam constantemente pela busca de alimentos.

Em *O Quinze*, a tragédia de Chico Bento caminha ao lado da vinda da seca, com o recebimento de uma carta. Dona Maroca, proprietária da fazenda, ordena a abertura das porteirosas para que os gados fossem soltos caatinga à fora, evitando, dessa forma, a perda de dinheiro com a alimentação dos animais:

Minha tia resolveu que, não chovendo até o dia de São José você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda.

Sem mais, do compadre amigo...

Longamente ficou o vaqueiro olhando aquelas letras que exprimiam tanta desgraça (QUEIROZ, 2022, p. 31).

Chico Bento representa boa parte da população sertaneja cuja subsistência depende das terras alheias. A soltura e morte do gado implicam necessariamente o desemprego, colocando a sobrevivência dos trabalhadores da terra em risco. Chico Bento não pensou duas vezes em vender os seus pertences e programar a sua saída para tentar a sorte em outro lugar:

O animal trocado com Vicente chegava de manhãzinha.

Iria nele até o Quixadá, ver se arranjava as passagens de graça que o governo estava dando.

Recebendo o dinheiro do Zacarias da Feira, se desfazendo da burra e matando as criaçõeszinhas que restavam, para comerem em caminho, que é que faltava? Nem trem, nem comida, nem dinheiro... (QUEIROZ, 2022, p. 37).

Inicialmente, Chico Bento planejou ir a Quixadá em busca de passagens gratuitas oferecidas pelo governo, para que ele e sua família fossem de trem até a capital cearense. Infelizmente, a sua viagem de nada valeu, ao chegar no local, o vaqueiro foi avisado de que os bilhetes haviam sido esgotados:

– Desgraçados! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!
O Zacarias segredou:
– Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...
[...]– Cambada ladrona! (QUEIROZ, 2022, p. 40).

O governo da época distribuía passagens gratuitamente para que os sertanejos afetados pelas secas pudessem tentar construir suas vidas em outros locais. Todavia, na narrativa, é mostrado o uso indiscriminado dessas passagens pelos agentes públicos como moeda de troca, favorecendo determinados grupos sociais, restando aos mais necessitados o acesso à capital pelas estradas de terras: “– Como se foi, Chico? Trouxe o dinheiro e as passagens?
– Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!” (QUEIROZ, 2022, p. 41).

O uso arbitrário do poder, conforme Marilena Chaui, tornou-se parte do arcabouço da violência em nossa sociedade. A operacionalização funciona através do encolhimento do espaço público, que compreende as leis e os direitos, em relação ao alargamento do espaço privado, que compreende a vontade arbitrária (CHAUI, 2019). Em outras palavras, a invasão da esfera pública configura-se uma nova forma de violência, que sustenta os privilégios de determinados grupos sociais em detrimento de outros. Em razão disso, Chico Bento e sua família sofreram os maiores desgastes nunca antes enfrentados.

Já no primeiro dia da viagem sobre as terras, a família exausta enfrentou dificuldades de acesso a alimentos e água. Em seu alforje, Chico Bento trazia apenas alguns poucos alimentos: uma manta de carne de bode seca, um saco de farinha e quartos de rapadura, que deveriam durar até o fim da jornada para todos os membros da família:

Apesar da fadiga do longo dia de marcha, Chico Bento levantou-se e saiu; a garganta seca e ardente, parecendo ter fogo dentro, também lhe pedia água. Os meninos, passado o furor do apetite, exigiam com força o que beber; gemiam, pigarreava, engoliam mais farinha ou lambiam algum taco de rapadura, entretendo com o doce a garganta sedenta (QUEIROZ, 2022, p. 47).

Após o terceiro dia na estrada, a reserva alimentar da família aos poucos ia se esgotando e a fome apertando. As crianças pequenas eram as que mais sofriam, sem entender muito bem o que passava com a dor e a angústia da fome colocavam-se intensamente a chorar:

Os meninos choramingavam, pedindo de-comer.
E Chico Bento pensava: “Porque, em meninos, a inquietação, o calor, o cansaço sempre aparece com nome de fome?”
– Mãe, eu queria comer... me dá um taquinho de rapadura!
– [...] Papai, vamos comer mais aquele povo, debaixo desse pé de pau? (QUEIROZ, 2022, p. 49)

As cenas da obra, embora se voltassem à família de Chico Bento, reforçavam que as condições miseráveis de sobrevivência também atingiam outros retirantes. Durante a leitura, não deixamos de notar a presença de uma outra família, que lutava contra uma aparente natureza impiedosa para não morrer de fome, que sem acesso a quaisquer alimentos se submetiam a consumir carne podre: “O outro explicou claramente: – Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca...” (QUEIROZ, 2022, p. 49).

Nos dias seguintes à caminhada, surgia a incerteza do acesso aos alimentos. Cordulina, com seu instinto de mãe, inevitavelmente, preocupava-se com a escassez de alimentos, afinal, precisava se manter em pé, pois tinha cinco crianças para criar e dar o que comer:

E o bode sumiu-se todo...
Cordulina assustou-se:
– Chico, que é que se come amanhã?
A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou:
– Sei lá! Deus ajuda! [...] (QUEIROZ, 2022, p. 50).

No nono capítulo, a fome propriamente dita caracterizada pela ausência total de alimentos surge para assombrar a família de retirantes: “Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas” (QUEIROZ, 2022, p. 56). A completa privação alimentar se desdobrou nas mais duras percepções de fome pelos membros da família:

[...]– Mãezinha, cadê a janta?
[...]Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome.
[...]– Mãe, tô com fome de novo...
[...]E que fome!
[...]A água fria, batendo no estômago limpo, deu-lhe uma pancada dolorosa.
[...]E o intestino vazio se enroscava como uma cobra faminta, e em roncos surdos resfolegava furioso: rum, rum, rum...
[...]enganando a fome e enganando a lembrança que lhe vinha[...]
[...]“Tô tum fome! Dá tumê! (QUEIROZ, 2022, p. 56, 57 e 58)

As falas dos personagens exprimem dolorosas sensações que são compartilhadas por todos os membros da família, desde os mais pequenos até aos mais velhos. O vazio do estômago, o barulho do seu ronco, o choro das crianças e o incômodo sofrido representam o mais genuíno desespero dos retirantes sertanejos.

Já em *Vidas Secas*, a privação alimentar, quando comparado com o sofrimento da família de Chico Bento, parece ter uma menor duração. Isso porque a jornada em busca de uma moradia termina no final do primeiro capítulo. Entretanto, engana-se quem pensa que o sofrimento se finda neste momento, a angústia da fome dá lugar à opressão, que será explorada nas sessões seguintes.

A obra se inicia com uma família de retirantes vagando pela caatinga sem um destino exato. As imagens e os contextos denunciam a presença da fome logo nas primeiras linhas: “Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 2023, p. 07).

Não se sabe ao certo quanto tempo a família vinha caminhando, mas se percebe que, de forma semelhante à família de Chico Bento, houve planejamento e estoque de alimentos, que naquele momento estava no fim: “Tinha andado a procura de raízes, à toa: o resto de farinha acabara” (RAMOS, 2023, p. 09).

A fome, nessas narrativas, era quase uma sombra incansável, que perseguia incessantemente a família de retirantes, onde quer que fossem, lá estava a sua tenebrosa presença “[...]a fome apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (RAMOS, 2023, p. 09). A ameaça à sobrevivência era contínua, a hostilidade do ambiente não oferecia qualquer espaço para acomodação.

Na tentativa de se livrar da fome, os personagens passam a exprimir aspectos animalescos. O autor Graciliano Ramos deixa claro na narrativa a desumanização dos homens, transformando os retirantes em figuras de resistência, que mesmo com as adversidades continuavam a jornada com a esperança de encontrar melhores condições de existência.

Assim como fazem os animais, a cada passo no chão endurecido, a família apurava os sentidos, atentando-se para a busca de possíveis alimentos. A caça se tornou uma alternativa para não morrer de fome:

[...]não se ouvia um berro de rês perdida na catinga.
[...]Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar a força (RAMOS, 2023, p. 09 e 10).

Fabiano tomou a cuia, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo[...] Pensou na família, sentiu fome[...] (RAMOS, 2023, p. 12-13).

A sobrevivência dos retirantes aparece como uma necessidade intrínseca, que nem mesmo a fome é capaz de impedir. “Fabiano tinha certeza de que não acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século (RAMOS, 2023, p. 22-23).

No terceiro capítulo, intitulado *Cadeia*, é apresentado um pequeno poder de compra e acesso aos alimentos por Fabiano. O vaqueiro tinha emprego, moradia e embora a fatura não estivesse presente, a família tinha a segurança de que teria algo para se alimentar. A presença de alguns gêneros alimentícios permitia que os desejos dos personagens fossem além do que comer, Sinha Vitória, por exemplo, sonhava com uma cama couro para que pudesse ter noites mais tranquilas de sono.

Todavia, essa pequena estabilidade não durou muito tempo, nos capítulos finais, o deslocamento numeroso de aves pelo céu anunciava a possibilidade da vinda de uma nova seca, que amedrontava a família, com as lembranças passadas de privação e sofrimento:

Sentia-a como se ela já tivesse chegado, experimentava adiadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas[...] Pensou na mulher e suspirou. Coitada de sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha. Uma pessoa de tanto juízo marchar na terra queimada, esfolar os pés nos seixos, era duro (RAMOS, 2023, p. 110).

A trajetória de Fabiano e sua família é marcada pela incerteza futura. A vinda da seca representava a perda do emprego na fazenda, tendo em vista a morte do gado e da vegetação, além da sua retirada forçada para um meio ainda desconhecido em busca da sobrevivência.

Tragicamente, no capítulo *Fuga*, o medo se materializa: a família planeja a sua retirada da fazenda. O baú de folhas é enchido com carne salgada para servir de alimento durante a nova jornada em busca de algo que nem eles sabiam o que era. A instabilidade era constante, em determinados momentos reinava a miséria profunda, em outros, o medo dela.

Embora os conceitos de insegurança alimentar sejam posteriores à escrita das obras, nota-se diversos aspectos relacionados durante todo percurso dos retirantes. A insegurança alimentar grave é caracterizada pela quebra do padrão usual na alimentação, comprometendo a qualidade e a quantidade dos alimentos para todos os membros da família, inclusive crianças, podendo os indivíduos experienciar a fome propriamente dita (BRASIL, 2022).

Tanto em *O Quinze* quanto em *Vidas Secas*, os gêneros alimentícios são restritos para todos os membros da família, os discursos sobre a percepção da fome aumentam com o passar dos dias até a sua materialização, com a ausência total de alimentos. O sofrimento dos sertanejos são altamente evidenciados, em especial, durante os períodos de retiradas com a vinda da seca.

3.2. ALIMENTOS DA SECA

Os alimentos elencados a seguir fazem parte dos contextos de fome em torno das famílias de Chico Bento e Fabiano, ao mesmo tempo que revelam a escassez alimentar, simbolizam um sistema ancorado na violência, miséria e exploração.

A hostilidade do ambiente obrigava os sertanejos a se adaptarem às duras condições de existência para que não morressem de fome, alimentando-se de quaisquer frutos encontrados pelo caminho. CASTRO (1984) denomina esse tipo de alimentação característica de uma dieta forçada, em outras palavras, não há possibilidade de escolhas alimentares, o consumo depende da sorte, daquilo que for encontrado pelo caminho.

Dentro deste aspecto alimentar, encontram-se alimentos que outrora não seriam considerados comestíveis, alguns podem apresentar sabor estranho, toxicidade, serem irritantes e de baixa qualidade, mas conseguem enganar o estômago da angústia da fome devido à concentração de celulose (CASTRO, 1984). Com a fome extrema, alimentos de baixa qualidade e até impróprios para o consumo passaram a fazer parte da alimentação sertaneja para aliviar o sofrimento.

A *Farinha* e a *Rapadura* são alimentos básicos que fazem parte da dieta sertaneja e são encontrados com frequência em ambas as narrativas. Apesar da farinha de mandioca originar diversos outros preparos culinários como: polvilho, farofas, mingaus, beijos e bebidas fermentadas. O seu consumo puro, na ausência de outros alimentos no prato, revela uma inadequação alimentar do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Para Josué de Castro, esse regime deficiente, assemelha-se às áreas de fome de países que sobrevivem através da monotonia alimentar (CASTRO, 1984).

O valor nutricional da farinha de mandioca sem a combinação com outros alimentos é extremamente baixa. O seu consumo era feito pelos retirantes na tentativa de enganar a fome, mas para Josué de Castro, “infelizmente a fome não se deixa enganar, apenas ilude-se sua sensação consciente, mas na intimidade profunda de cada célula perdura indefinidamente os seus efeitos” (CASTRO, 1965, p. 76-77).

Precisava sal, farinha, feijão e rapadura. Sinha Vitória pedira além disso uma garrafa de querosene e um corte de chita vermelha (RAMOS, 2023, p. 25).

Voltou mais tarde, sem a rede, trazendo uma rapadura e um litro de farinha[...] Faminta, a meninada avançou; e até Mocinha, sempre mais ou menos calada e indiferente, estendeu a mão com avidez. Contudo, que representava aquilo para tanta gente? (QUEIROZ, 2022, p. 57).

Josué de Castro, em sua obra *Geografia da Fome*, apresenta a riqueza do bioma sertanejo e, nos romances abordados, essa fauna compõem o regime alimentar dos retirantes. Os animais provenientes da caça estão presentes nas narrativas como uma estratégia para acabar com a fome. Durante a leitura podemos identificar o *Papagaio*, o *Preá* e o *Tejuaçu*.

Papagaio: As aves, em especial o papagaio, fazem parte da alimentação sertaneja: “periquitos, jandaias e papagaios — e certos tipos de pombas, das quais devemos destacar,

por seu valor econômico, as aves de arribação, que viajam em enormes bandos em migrações periódicas, fornecendo ao sertanejo, em certas quadras, valioso subsídio alimentar” CASTRO 1984, p. 187). Todavia, em períodos de seca, essas aves migram para outras regiões, tornando o ambiente deserto de determinadas espécies: “aves e mamíferos pareciam ter emigrado para regiões mais ricas de água” (CASTRO, 1984, p. 219).

Em *Vidas Secas*, durante a caminhada, o bicho de estimação da família, um papagaio, tornou-se alimento para o grupo em um momento de demasiada fome:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde havia descansado, à beira de uma poça[...] Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto[...] Sinha Vitória[...] Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil” (RAMOS, 2023, p. 09-10).

Preá: O preá, uma espécie de rato do mato, que faz parte do bioma da região nordestina, constitui, nas narrativas, os alimentos das secas. “Os gatos do mato, capivaras, tamanduás, tatus, coelhos do mato, preás e mocós completam, com os micos e as serpentes, a fauna desta região de fisionomia tão singular” (CASTRO, 1984, p. 188).

No decorrer do percurso, a cachorra Baleia encontra um preá que é logo consumido pela família que estava faminta. “Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo” (RAMOS, 2023, p. 12).

Aquele pequeno rato do mato era insuficiente para matar a fome da família, mas era o que tinham disponível no momento: “Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo” (RAMOS, 2023, p. 12). Os meninos foram quebrar hastes para que Sinha Vitória colocasse o animal sob o fogo: “Minutos depois, o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim” (RAMOS, 2023, p. 14).

Tejuaçu: O tejuaçu é uma espécie de lagarto. Em *O Quinze*, esses pequenos animais eram constantemente procurados tendo em vista a sua capacidade de resistência aos ambientes secos:

Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuauçu que parecia ter passado perto deles. Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. E a morna correnteza que ventava passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu (QUEIROZ, 2022, p. 73-74).

As *Iguarias Bárbaras* estão presentes na dieta sertaneja nos contexto de fome extrema. As prolongadas secas eram capazes de destruir todas as espécies vegetais que necessitam de um ambiente úmido para florescer. O clima agressivo favorecia o desaparecimento das variedades alimentares dos mercados, restando aos sertanejos as chamadas “iguarias bárbaras”, ou seja, raízes, sementes e frutos silvestres de plantas que resistem a climas extremos (CASTRO, 1984).

Sementes e Raízes: “Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes[...] Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de mucunã” (RAMOS, 2023, p. 16 e 17)

Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe. E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo (QUEIROZ, 2022, p. 71).

Acreditava-se que a mucunã possuía efeitos tóxicos ao organismo humano, mas depois de alguns estudos, a sua toxicidade se tornou apenas um mito no meio popular. A leguminosa além de possuir grande capacidade para resistir aos períodos de seca, possui alto valor nutritivo (CASTRO, 1984).

Ademais, alguns alimentos que outrora não eram considerados comestíveis passaram a fazer parte da dieta sertaneja devido a necessidade, entre eles, *Plantas Venenosas*, *Tripas de Animais* e *Carne Podre*.

As *Plantas Venenosas* aparecem nas narrativas como uma alternativa fatal para aqueles que a desconhecem. Com o fim dos alimentos e da vegetação, os retirantes sem opção para saciar a fome “se atiram aos últimos recursos vegetais, em geral impróprios à alimentação, ricos apenas de celulose, por vezes mesmo tóxicos[...] que tantos casos fatais ocasionaram nas

secas passadas e que agora mesmo alguns produzem” (Amadeu filho, 1932 citado por CASTRO, 1984, p. 212).

Em *O Quinze*, a manipeba, um tipo de mandioca, apresenta-se como uma planta venenosa, ela possui resíduos tóxicos e pode levar à morte. Na obra, a raiz é causadora da morte de Josias:

[...]escavou com um pauzinho o chão, numa cova, onde um tronco de manipeba apontava; dificultosamente, ferindo-se, conseguiu topar com uma raiz, cortada ao meio pela enxada. Batendo de encontro a uma pedra, trabalhosamente, arrancou-lhe mais ou menos a casca; e enterrou os dentes na polpa amarela, fibrosa, que já ia virando um pau num dos extremos. Avidamente roeu todo o pedaço amargo e seco, até que os dentes rangeram na fibra dura (QUEIROZ, 2022, p. 62)

– Meu filho! Pelo amor de Deus! Você comeu mandioca crua?
Assombrado, e sentindo a dor mais forte, o pequeno começou a chorar[...]
A criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela magreza, esticando o couro seco de defunto, empregado e malcheiroso[...] inconsciente, já com cirro da morte, sibilava mal podendo com a respiração estertorosa[...] (QUEIROZ, 2022, p. 63 e 64).

O jornal da época, *O Ceará*, noticiava essas mortes trágicas:

As crianças, com ventres dilatados e pernas deformadas pela inchação, choravam de fome e de sede e recusavam a caminhar. Algumas dellas haviam morrido intoxicadas por terem comido uma papa feita de gomma extrahida de uma raiz qualquer. Iam todos para Senador Pompeu, onde acreditavam haver serviço do Governo. O jornalista não quis dessilludi-los e essa pobre gente continua a jornada (citado por LEME, 2023, p. 81).

As crianças não estavam isentas de enfrentar a fome, o sofrimento e a morte. As diversas intoxicações após o consumo de espécies venenosas aparece como um acontecimento comum na vida dos sertanejos em fuga. O aperto da fome após longas caminhadas intermináveis obrigava as famílias a ingerirem qualquer coisa que aparecesse pelo caminho.

Tripas: Em *O Quinze*, as tripas da cabra surgem em um momento desesperador após dias na estrada sem ao menos um alimento. Chico Bento encontra uma cabra vagando solta pelas estradas e não pensa duas vezes ao atacá-la, todavia o animal já tinha dono:

– Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher e os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!..
[...]O homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro: – Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!..
[...]E num fogueiro de garranchos, arranjados por Cordulina com um dos últimos

fósforos que trazia no cós da saia, assaram e comeram as tripas, insossas, sujas, apenas escorridas nas mãos (QUEIROZ, 2022, p. 75-76).

Carne Podre: Após a soltura dos gados por alguns fazendeiros, os animais magros e adoecidos passaram a vagar perdidamente pela campina seca, sendo encontrados por retirantes que estavam famintos:

A rês estava quase esfolada. A cabeça inchada não tinha chifres. Só dois ocos podres, malcheirosos, donde escorria uma água purulenta.
Encostando-se ao tronco, Chico Bento se dirigiu aos esfoladores:
– De que morreu essa novinha, se não é da minha conta?
[...]- De mal dos chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus (QUEIROZ, 2022, p. 49).

Para Josué de Castro, embora os conhecimentos da época não fossem suficientes para avaliar a composição e os valores nutritivos das iguarias bárbaras, ficava evidente tamanha carência alimentar. Uma alimentação baseada majoritariamente nos alimentos aqui descritos configura-se uma dieta extremamente deficiente em diversos aspectos alimentares, sendo insustentável a sua manutenção por longos períodos (CASTRO, 1984).

Essas diversas desarmonias refletem a trágica condição alimentar dos retirantes sertanejos. A composição de alimentos aqui analisada é imprópria em todos os entendimentos possíveis, não há qualidade e nem quantidade suficientes para a nutrição do corpo. Haja vista que essa completa desordem alimentar foi responsável pela morte da maioria da população sertaneja, Josué de Castro aponta que a única forma de se alimentar pior que essa é não consumir absolutamente nada (CASTRO, 1965).

A história de vida e as experiências das famílias de retirantes, por diversas vezes, resumem-se aos contextos de fome. Pode-se perceber que, nessas narrativas, as dificuldades diárias são mais do que desafios, são ameaças à sobrevivência. As perspectivas futuras anulam-se na medida em que coisas básicas e elementares tornam-se difíceis e distantes. Os retirantes sertanejos encontram-se constantemente em luta para conservar a sua própria natureza em um espaço marcado por conflito e opressão.

4. VIOLÊNCIA E DOMINAÇÃO

Para Marilena Chaui, a violência embora frequentemente associada à criminalidade, não se restringe a isso. Ela é uma forma da relação social que permeia intimamente as relações humanas, que se concretiza quando o outro é reduzido à condição de coisa, em outras palavras, é a forma pela qual a dominação e a exclusão se realizam, sendo o genocídio e o *apartheid* suas formas mais explícitas (CHAUI, 2019).

Conforme a autora, a palavra violência possui diversos sentidos etimológicos:

1. tudo o que age usando força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar);
2. todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar);
3. todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar);
4. todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade definem como justas e como um direito (é espoliar ou a injustiça deliberada);
5. consequentemente, a violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e pela intimidação, pelo medo e pelo terror (CHAUI, 2019, p. 35-36).

Nos romances de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, não se pode deixar de notar os inúmeros aspectos de violência. Não somente a fome viola a natureza dos sertanejos, mas também a sua relação com o outro. Em *O Quinze*, o aspecto mais brutal que podemos encontrar são os acontecimentos no campo de concentração, em que as pessoas eram jogadas em cercados para morrer lentamente sem qualquer tipo de ajuda.

Em *Vidas Secas*, embora o título da obra seja muito associado ao clima agressivo da região nordeste, não se trata exatamente disso, nota-se já no segundo capítulo a vinda da chuva: “Viera a trovoadas” (RAMOS, 2023, p. 17). A seca não faz relação somente ao solo, mas a tudo e a todos à sua volta: “Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru (RAMOS, 2023, p. 23). Os aspectos de opressão e violência são claramente marcados na relação com o patrão da fazenda e com os funcionários do governo, em especial, o soldado amarelo.

A violência intrínseca às secas configura-se a partir do próprio conceito descrito por Frederico Neves: “a seca é um fenômeno que destrutura periodicamente a vida dos sertanejos[...] ao inviabilizar a agricultura de subsistência com base na organização familiar do trabalho. Dependendo da sua “intensidade”, estes sertanejos são obrigados a procurar novas terras ou formas de sobrevivência” (NEVES, 1995, p. 93).

A partir destes aspectos, abaixo serão explorados alguns cenários de violência e dominação em que os personagens de *O Quinze* e *Vidas Secas* foram inseridos. Embora a representação contenha particularidades relativas à literatura, estes contextos simbolizam pessoas que resistiam aos ambientes aniquiladores e opressivos formados em torno das secas.

4.1. DOS CURRAIS À REPRESSÃO DOS FLAGELADOS

A longa jornada a pé de Chico Bento e de sua família pelo sertão nordestino em *O Quinze* foi complementada com uma viagem de trem para que pudessem chegar mais rapidamente ao seu destino. Em Acarape, o vaqueiro conseguiu passagens doadas pelo compadre Luís Bezerra com destino a Alagadiço. O seu desembarque deu-se na Estação do Matadouro, onde se deparou com centenas de outros retirantes na mesma situação:

No mesmo atordoamento, chegaram à Estação do Matadouro.
E sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo (QUEIROZ, 2022, p. 94).

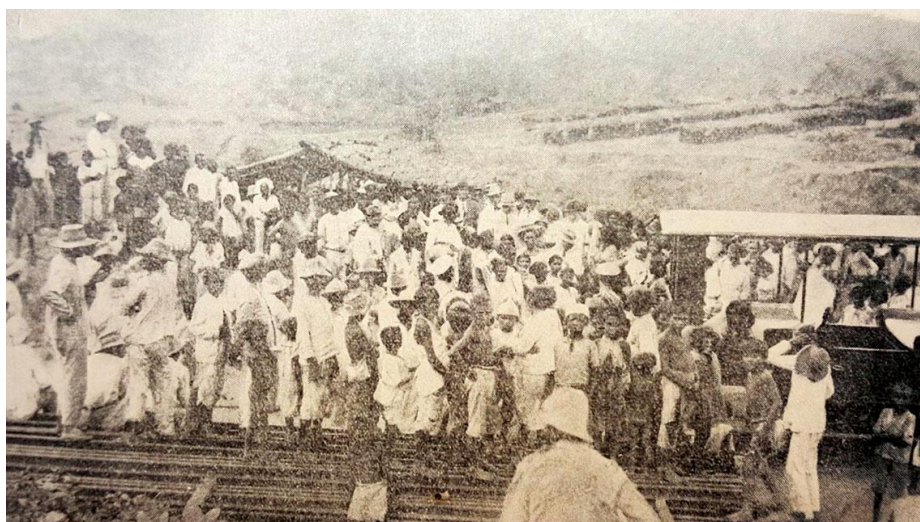
O campo de concentração de Alagadiço é um elemento essencial e marcante na obra de Rachel de Queiroz. Nesse local, Chico Bento se acomodou com sua família em busca de assistência, assim como milhares de outros retirantes que foram obrigados a saírem de suas terras em decorrência da estiagem.

Esse campo de concentração estava localizado perto da estação de trem, na periferia da cidade. Conforme as autoridades, essa estratégia facilitaria a assistência à população, com a distribuição de alimentos, abrigo e serviços públicos:

O campo de concentração, pelo contrário, segundo as intenções do Cel. Barroso, facilitaria a distribuição dos socorros e permitiria um tratamento melhor e mais humano aos “atingidos pelo flagello indomável”³, que encontrariam trabalho e serviços organizados pelo governo, tendo “por compensação alimento abundante para todo o pessoal”⁴ (NEVES, 1995, p. 96).

Todavia, o critério de escolha da localização dos campos de concentração, ao contrário do que fora dito, tinha como propósito esconder os problemas do resto da cidade e através da violência e do isolamento, afastar os retirantes da população fortalezense, com a finalidade de evitar as mesmas cenas ocorridas na seca de 1877, em que os retirantes alojaram-se no centro da capital (NEVES, 1995).

Figura 1 - Retirantes chegam ao Patu em 1932 atraídos pela promessa de assistência do estado



Fonte: Cristina Queiroz, 2020, Revista FAPESP

A figura 1 é uma fotografia que apresenta a localização dos alojamentos próximos à estação de trem. O acesso direto aos campos de concentração impedia a circulação dos retirantes pelas ruas da cidade (NEVES, 1995). A representação dessa imagem carrega consigo fortes símbolos de poder e dominação: de um lado milhares pessoas que precisam urgentemente de ajuda para sobreviver, submetendo-se às mais deploráveis situações, do outro, a ausência de uma assistência verdadeiramente humana.

³ Termos utilizados na mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1916 pelo Presidente do Estado Cel. Benjamin Barroso. Fortaleza, Typographia Moderna, p. 6, 1915.

⁴ Termos utilizados na mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de julho de 1916 pelo Presidente do Estado Cel. Benjamin Barroso. Fortaleza, Typographia Moderna, p. 7, 1915.

A obra de Rachel de Queiroz traz algumas cenas construídas no cotidiano dos personagens, que fazem referência à condição das pessoas nesses campos:

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração.

Às vezes uma voz atalhava:

– Dona, uma esmolinha...

Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em um passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.

Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos! (QUEIROZ, 2022, p. 64-65).

A aglomeração de pessoas pedindo por ajuda, a miséria e a fome ganhavam destaque nesse ambiente. A ausência de condições higiênicas adequadas permitia a fácil disseminação de doenças como varíola, sarampo e disenteria (VARJÃO, 2012). Tais condições agravavam ainda mais a situação dos retirantes, além da preocupação com a fome, as doenças e a falta de saneamento se tornaram elementos fatais.

O campo de Alagadiço, em específico, tinha capacidade para acolher cerca de 3 mil pessoas, contudo, estima-se que 8 mil dividiam o mesmo espaço (NEVES, 1995). A falta de estrutura para manter as pessoas não impedia que sua concentração continuasse aumentando:

Chico Bento olhava a multidão que formigava ao seu redor.

Na escuridão da noite que se fechava, só se viam vultos confusos, ou alguma cara vermelha e reluzente junto ao fogo.

Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejar em gargalhadas e em gemidos e até em cantigas (QUEIROZ, 2022, p. 95).

As notícias sobre a ajuda oferecida aos sertanejos pelo governo foram amplamente divulgadas. Tendo esgotado as condições de existência nas áreas acometidas pela seca, a busca por assistência na capital crescia cada vez mais. O campo, conforme NEVES (1995), tornou-se referência para aqueles que se viam sem condições de existência, sujeitos à fome, ao desabrigo e ao desalento. Este cenário é também construído em *O Quinze*:

Mas uma voz a fez parar.

– Doninha dona Conceição, não me conhece?

Era uma mulata de saia preta e cabeção encardido, que, ao ver a moça, parara de abanar o fogo numa trempe, e a olhava rindo.

Conceição forçou a memória.

– Sim.. Ah! É a Chiquinha Boa! Por aqui? Mas você não era moradora de seu Vicente? Saiu de lá?

A mulher inclinou a cabeça para o ombro, coçou a nuca:

– A gente viúva... Sem homem que me sustentasse... Diziam que aqui o governo andava dando comida aos pobres... Vim experimentar... (QUEIROZ, 2022, p. 65).

Os campos lotavam de pessoas em busca de amparo, em especial, mulheres e crianças. Os sentimentos de angústia eram expresso por todos que passavam e se deparavam com aquele cenário: “[...]chegava de tardinha, fatigada, com os olhos doloridos de tanta miséria vista, contando cenas triste que também empanavam de água os óculos da avó” (QUEIROZ, 2022, p. 80).

A figuras a seguir demonstra as condições em que os sertanejos foram obrigados a permanecer, é um documento histórico que comprova a miséria e o sofrimento impostos aos cearenses que vinham dos sertões em busca de ajuda (RIOS, 2014).

Figura 2 - Fotografia do campo de concentração



Fonte: RIOS, 2014, p. 94.

O farmacêutico, Rodolfo Teófilo, experiente no combate às epidemias urbanas, demonstrou preocupação em relação ao modo como as autoridades estavam tratando os retirantes. Em sua conversa com o Presidente do Estado, tentou alertar para os perigos das doenças infectocontagiosas, mas não houve sucesso. Na sua visão, aglomerar os retirantes nos campos de concentração era o mesmo que matá-los, tendo em vista o cenário de doenças da época (NEVES, 1995).

O estado do campo era precário de todas as formas possíveis: de um lado faltavam alimentos e água potável, do outro, proliferavam doenças, insetos e animais. A presença iminente da morte rondava constantemente o ambiente, vitimando, principalmente, as crianças. As pessoas que vinham a falecer tinham seus corpos jogados um em cima dos outros até que pudessem ser transportados (NEVES, 1995).

Rachel de Queiroz traz a morte como elemento central para compor esse trágico cenário:

E, além, uma família de Cariri velava um defunto, duro e seco, apenas recoberto por farrapos de cor indecisa. Conceição sabia quem ele era. Tinha morrido ao meio-dia, e sua gente teimava em não o misturar com os outros mortos (QUEIROZ, 2022, p. 67).

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia (QUEIROZ, 2022, p. 135).

Como não havia assistência de fato para o grande número de pessoas, os problemas iam avançando. De modo geral, era mais fácil morrer dentro dos campos de concentração do que fora deles (NEVES, 1995). As possibilidades eram escassas, ao fugir da seca nos interiores, os sertanejos eram obrigados a sobreviver em condições até piores:

Em tarde, em que a velha, na sala, entrançava o seu eterno crochê, uma retirante bateu à porta pedindo uma esmola por amor de Deus “para matar a fome dum inocente...”

[...]ainda não botei um bocado na boca hoje...

– E no Campo de Concentração não dão mais comida, não? Diz que lá ninguém morre de fome!

– Ora, se não morre! Aquilo é um curral de fome, doninha (QUEIROZ, 2022, p. 136).

A organização desses campos pelo estado cearense evidenciava uma única preocupação: a proteção da capital dos “invasores flagelados”. Nenhum dos campos obteve sucesso, entretanto, nas secas posteriores, os recursos arrecadados eram empregados na construção de mais unidades. No Ceará, os campos de concentração espalharam-se pelo estado, localizando-se em Senador Pompeu, Cariús, Crato, Quixeramobim, Ipu, Fortaleza e Buriti, e chegaram a abrigar cerca de 185 mil pessoas no ápice da seca da década de 30 (VILLA, 2000).

Qualquer caráter assistencialista atribuído a esses locais desapareceu, dando espaço a uma nova forma de violência, reduzindo as pessoas à condição de coisa e retirando-lhes qualquer aspecto de humanidade. Os campos de concentração não possuíam nenhum tipo de estrutura que garantisse a sobrevivência ou o atendimento das necessidades dos sertanejos que ali estavam. De modo geral, manter as pessoas aglomeradas em um local insalubre estava longe de se assemelhar a uma política assistencialista. As estratégias adotadas pelo governo foram verdadeiros mecanismos de extermínio da população pobre, que através da condenação, da exclusão e da segregação levaram-os à morte.

A partir da obra *Vigiar e Punir* de Foucault podemos ampliar o conceito de prisão. Essa estrutura não se limita apenas às penitenciárias que se destinam a castigar e corrigir os desviados, trata-se de uma política de defesa da classe dominante contra aquilo que não se é tolerado, configurando-se, portanto, em uma tecnologia de dominação (AUGUSTO, 2010). Ao compreender que o arcabouço da dominação está diretamente conectado às classes sociais e à estrutura de poder, ganhamos elementos para compreender como as injustiças e as desigualdades são facilmente normalizadas através de regulamentos técnicos.

Os campos de concentração não foram construídos por acaso, a sua arquitetura foi prontamente pensada para manter o controle e a dominação sobre as pessoas que ali estavam. O sofrimento e as milhares de mortes causadas pela fome, pelas doenças e pela falta de assistência não se pousam sobre uma eventualidade, imprevisto ou contingência. Os saberes científicos da época já eram suficientes para prever a vasta calamidade que essas políticas poderiam causar, como foi mencionado por Rodolfo Teófilo.

Os campos, portanto, foram utilizados como instrumento de opressão e dominação contra os retirantes sertanejos que ali se abrigavam em busca de assistência. A sua arquitetura é tecnicamente pensada para marginalizar, excluir, abandonar e matar uma parte da população. Ao trazer os campos de concentração em sua obra, Rachel de Queiroz abre espaço para pensar nas relações de poder da nossa estrutura social.

4.2. EXPLORAÇÃO DA MISÉRIA SERTANEJA

Durante a leitura das obras, é possível notar que a figura do Estado surge apenas para oprimir e explorar os sertanejos. Além das estratégias do governo descritas anteriormente para conter os retirantes, outras formas de violência também podem ser encontradas nas narrativas. Em *O Quinze* a função dos órgãos federais nos combates às secas serão destacadas e em *Vidas Secas*, as figuras de autoridade.

A obra de Rachel de Queiroz traz a questão do trabalho como um elemento essencial e necessário. Nesse contexto, os retirantes são submetidos às mais variadas condições de exploração para garantir a sua sobrevivência.

Para Chico Bento, desde a sua saída da fazenda das Aroeiras, a questão do trabalho se tornou uma preocupação. A migração para a capital dava-lhe esperança de encontrar alguma ocupação que lhe garantisse sustento. Embora as condições de trabalho fossem limitadas, o governo da época estava desenvolvendo projetos para a construção de obras de combate às secas.

Conforme VILLA (2000), esses trabalhos não tinham nenhum planejamento, não se pautavam na melhoria da qualidade de vida dos retirantes. Mas ao contrário disso, a construção das obras tinha por objetivo manter empregados os milhares de retirantes visando a manutenção da ordem pública e garantir o desvio de recursos para um grupo privilegiado de pessoas:

[...]diversas agências do governo federal se transformaram em apêndices da oligarquia nordestina. O DNOCS [Departamento Nacional de Obras Contra as Secas], controlado pela oligarquia cearense, ficou conhecido como o exemplo mais acabado do uso privado de recursos públicos. Boa parte das obras foi realizada para favorecer os interesses de políticos locais e empregar seus eleitores (VILLA, 2000, p. 167).

[...]com o passar do tempo foram se transformando em agências de emprego ou de favoritismo político-econômico, com o beneplácito da União e das classes dominantes locais[...] Em 1998, no Ceará, dos 8 mil açudes, somente 95 eram públicos, e o pior é que os 7.905 restantes foram quase todos construídos com dinheiro público (VILLA, 2000, p. 251-252).

O desenvolvimento dessas obras, em especial a construção de açudes, aparece como alternativa de trabalho para os retirantes. Chico Bento, ao chegar no campo de concentração

de Alagadiço, percebeu que suas necessidades e de sua família não seriam de modo algum supridas somente com a ajuda que estava recebendo em alimentos, a carência de emprego era urgente.

A sua jornada pelo sertão nordestino foi marcada de forma impactante com privação alimentar, a perda dos filhos e a violência sofrida, consequentemente, a angústia e a aflição eram constantes. Conceição solidarizou-se e se propôs a ajudar o vaqueiro a conseguir um trabalho, mesmo desacreditando da sua capacidade física, devido à fraqueza gerada pela fome.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicioso lugar no açude de Tauape (QUEIROZ, 2022, p. 107).

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço de barragem. Só de longe em longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios. [...]Mas, à tarde, quando sentiu tinir no bolso o jornal ganho, um novo sentimento o animou. Tinha finalmente algum dinheiro – só dois níquel, é bem verdade! –, mas dinheiro ganho com seu esforço, com calangros dos seus braços, e que o auxiliaria a alimentar a filharada esfomeada (QUEIROZ, 2022, p. 108).

“Curvado sobre a pá, em tempo de morrer de calor e cansaço...” (QUEIROZ, 2022, p. 109). O trabalho era árduo e precário, mas ainda sim de grande procura entre os retirantes. Os trabalhadores, que incluíam homens, mulheres e crianças, não recebiam capacitação, equipamentos de proteção ou ferramentas adequadas para o desenvolvimento das obras. Os salários eram extremamente baixos, com diária de dois cruzeiros, sendo insuficiente para manter uma alimentação que lhes tirasse a fome (VILLA, 2000).

A construção de açudes trazida por Rachel de Queiroz na narrativa, embora seja breve, abre espaço para pensar os elementos históricos e políticos da época. Nota-se, portanto, a exploração do homem sertanejo pelas oligarquias que detinham o poder econômico e político. Os trabalhos nas obras de combate às secas foram utilizados como moeda de troca para manter os privilégios da elite cearense, em vez de voltar-se para melhoria da qualidade de vida do povo nordestino.

Em *Vidas Secas*, esses aspectos opressivos surgem a todo instante de maneira bem delineada. O personagem Fabiano tinha a percepção de que a violência era advinda principalmente das

autoridades, em especial, o patrão, o soldado amarelo e o agente da prefeitura, que representavam o governo.

Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa (RAMOS, 2023, p. 93).

A repressão do Estado não é apresentada nessas narrativas de maneira arbitrária. Conforme Louis Althusser, a teoria marxista compreende o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, as Prisões, etc. como Aparelhos Repressivos do Estado, isso porque esses órgãos funcionam com base na violência. Em outras palavras, o Estado é uma máquina de repressão que permite à classe dominante assegurar a sua dominação (ALTHUSSER, 1974).

No primeiro caso, temos um patrão autoritário que reafirma o seu poder sobre as terras e impõe ordens a Fabiano. Mesmo o trabalho do vaqueiro estando em perfeitas condições, para o patrão, sempre havia do que reclamar:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono (RAMOS, 2023, p. 21).

Dentro deste contexto, encontramos aspectos que remetem ao que CHAUI (2019) conceitua autoritarismo social, uma estrutura de violência baseada nas relações familiares da classe dominante, em que há o predomínio da relação de mando e obediência. Nesse sentido, há sempre um sujeito “inferior” que é violado e outro “superior” que é violento e pratica o abuso.

A péssima relação de Fabiano com o patrão não representa somente o autoritarismo, mas também as diversas faces da exploração. Além do trabalho exaustivo, o vaqueiro frequentemente era roubado, mas qualquer revolta poderia ser motivo de expulsão da fazenda, restando-lhe morrer de fome em outro canto. Ao se fixar nas terras de outro homem, Fabiano se mostra consciente em relação a sua condição de explorado:

Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! [...]

Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventaram juros. Que juro! O que havia era safadeza (RAMOS, 2023, p. 90-91).

A condição de existência do vaqueiro reflete as classes sociais mais desfavorecidas do sertão e a sua relação com o latifúndio. A falta de emprego e assistência obrigavam as pessoas a trabalhar nos latifúndios, vendendo exaustivamente a sua força de trabalho em troca de comida e moradia (FACÓ, 1976). As terras não eram de Fabiano, mas todo seu trabalho se encontrava ali, nas terras alheias fazia a sua morada, sempre em troca de favores, dando continuidade a esse eterno ciclo de dependência:

Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látegos – aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. (RAMOS, 2023, p. 93)

Em relação ao soldado amarelo, pode-se notar, nesse contexto, o abuso de poder contra o vaqueiro, que reflete uma sociedade marcada pelo autoritarismo do Estado. É válido ressaltar que a ditadura de Vargas foi instaurada no ano anterior à publicação do livro, portanto, alguns elementos sociais podem ter influenciado a escrita da obra.

Na feira da cidade, Fabiano recebeu um convite de um soldado amarelo para apostar em um jogo de cartas. Pouco tempo depois, a dupla perdeu a partida, com isso, o vaqueiro colocou fim ao pouco dinheiro que tinha conquistado através do árduo trabalho. Furioso e sob o efeito da pinga que havia bebido, caiu em uma situação embaraçosa com o soldado e, sem conseguir se explicar, foi preso injustamente.

A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiuna em cima da alpercata do vaqueiro. [...] Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando[...] (RAMOS, 2023, p. 29).

O agente da prefeitura é outra figura pública de autoridade que marca a história de Fabiano. A venda de animais era a única saída do vaqueiro para garantir algum dinheiro, visto que não

tinha terras para dar continuidade à criação das espécies. Todavia, a cobrança de juros era abusiva, os impostos passam a corroer pouco a pouco o dinheiro do vaqueiro:

Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fora vendê-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se de desentendido: não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de hisória com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto (RAMOS, 2023, p. 92).

A imagem do governo aparece novamente de maneira desvirtuada, surgindo apenas para oprimir e causar injustiças. A violência que começa com a exploração do trabalho através de um patrão autoritário, mantém-se com as injustiças e o abuso dos aparelhos do Estado. O ciclo de exploração caminha de geração para geração e enraíza-se na família dos retirantes: “Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo” (RAMOS, 2023, p. 35-36).

A sequência de violência na vida dos sertanejos não se finda facilmente. O sofrimento causado pela seca, que os coloca em situações de extrema vulnerabilidade em meio às estradas hostis com fome e sede é somente uma parte de toda a violência contida nessas narrativas. Os personagens Chico Bento e Fabiano representam, nessas obras, a resistência do homem sertanejo que foi desumanizado e perseguido por todos os espaços possíveis.

As relações sociais presentes nesses contextos preservam as marcas de uma sociedade colonial escravista. Conforme CHAUI, os micropoderes despóticos capilarizam-se em todas as camadas da sociedade e a figura do Estado “nunca chega a constituir-se como pública, pois é definida sempre e imediatamente pelas exigências do espaço privado” (2019, p. 45).

5. LITERATURA COMO FERRAMENTA DE DENÚNCIA

“*A arma do escritor é o lápis*”, essa epígrafe de Graciliano Ramos se destaca pela consciência social assumida. Pode-se dizer que os romances aqui tratados são políticos, a produção década de 30 foi marcada por uma literatura engajada, que passou a olhar criticamente para a realidade brasileira, assumindo, dessa forma, um compromisso social.

Neste trabalho, as obras de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos foram tomadas como ferramentas de denúncia contra a miséria enfrentada pelos retirantes sertanejos. *O Quinze* e *Vidas Secas* são obras notórias por seu conteúdo crítico, as narrativas evidenciam diversos aspectos de uma sociedade marcada pela opressão e pela violência: o sofrimento dos retirantes é posto do início ao fim, em todos os cenários possíveis.

Para Marco Villa tratar sobre a fome é um atrevimento, pois o seu significado é mais profundo do que se pode imaginar. Falar sobre a fome envolve a aproximação com as políticas públicas da região, com o poder das oligarquias estaduais e, principalmente, com os estereótipos que foram criados e repetidos (VILLA, 2000). Dito isso, as obras de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos representam muito mais que ficções por trás das secas nordestinas, trata-se de um valoroso instrumento de denúncia contra as estruturas de poder.

A função social da literatura para Antonio Candido, “comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 2006, p. 54). De forma semelhante, SANTIAGO (2000) afirma que as obras que descrevem o nosso país e o povo brasileiro servem-nos de faróis para iluminar os caminhos cobertos pelas sombras, nos alertando para os possíveis erros e acertos.

Para Antonio Candido, a arte exerce influência na vida humana e é capaz de transformar os comportamentos e as visões de mundo:

a arte é social[...] depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de

consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (CANDIDO, 2006, p. 30).

Em sua carta de 1946 enviada a Candido Portinari, Graciliano deixa claro a necessidade da arte causar impactos. O caráter desestabilizador das obras é necessário para que haja questionamentos sobre as estruturas sociais:

Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; contudo as deformações e miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram[...] Saí de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria?[...] O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, pois sem isto não temos arte (RAMOS, 1946, n.p).

Figura 3 – Cândido Portinari – Criança Morta, 1944



Fonte: portinari.org.br/acervo/obras

No campo das artes plásticas, Cândido Portinari destaca-se. Pode-se dizer que as suas obras têm os mesmos valores que as literaturas regionalistas, tratando-se da capacidade de representar uma cruel realidade e denunciar a miséria e o sofrimento enfrentados pelos retirantes sertanejos. Sobre uma de suas obras, Graciliano comenta: “Dos quadros que você mostrou quando almocei no Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi aquela mãe com a criança morta” (RAMOS, 1946, n.p).

As obras abordadas expressam de forma empenhada as condições locais e de existência dos homens sertanejos, que forçadamente saíram de suas terras na tentativa de sobreviver. A fome, intrínseca nas narrativas, foi essencial para compreender os problemas sociais arquitetados em torno da seca.

Pode-se dizer que os romances de 30 ocupam um lugar de privilégio no campo da literatura, pois são capazes de revelar os cenários opressivos que também correspondem aos aspectos da realidade material. “Esse processo de representação é construído através da negociação entre

as personagens iletradas[...] e o narrador letrado, que organiza a experiência e denuncia a exploração do trabalho e a desumanização da sociedade” (RABELLO, 2015, p. 186).

Os cenários criados nesses romances evidenciam por si só as contradições da sociedade. Para Hermenegildo Bastos: “a arte preserva, como observa Terry Eagleton, a força capaz de questionamento do mundo administrado: arte que serve – porque legítima – o processo crescente de reificação é a mesma que pode combatê-lo” (BASTOS, 2005, p. 01).

Em síntese, a arte engajada é capaz de questionar a estrutura da sociedade e iluminar outras formas de vivência e percepção. A separação entre dois mundos possíveis, que são completamente distintos, ao revelar as contradições existentes do meio social, expande as possibilidades de discussões e organização da vida.

RABELLO afirma que esses romances, como expressão artística, assumem as tensões sociais que permeiam as relações humanas ao invés de escondê-las: “essas marcas da opressão são impressas no texto a partir do olhar de um narrador que organiza a experiência das personagens e apresenta essa experiência em suas articulações com a estrutura social” (2015, p. 192). Essa é justamente a função da arte para Herbert Marcuse: combater a reificação, dando voz àquilo que se petrificou, que se tornou coisa (MARCUSE, 1977).

A autonomia desses romances revela, portanto, a existência de sujeitos conscientes que lutam contra esses cenários opressivos. Os romancistas Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz através de sujeitos e cenários coisificados trazem uma realidade que precisou ser denunciada e questionada. A dimensão política da arte literária para BASTOS (2005) não repousa necessariamente sobre temas explícitos e políticos, mas sobre a forma como ela se organiza como parte da vida e das relações sociais.

6. CONCLUSÃO

Os romances *O Quinze* e *Vidas Secas* de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, respectivamente, possuem a seca como pano de fundo. Essa temática permitiu trilhar, nas narrativas, a construção de imagens e de contextos em torno da fome que foram marcados pela miséria, violência e exploração contra os retirantes sertanejos.

A abordagem dialética nos permitiu a compreensão das narrativas através de uma perspectiva social-literária. Os dolorosos problemas em torno das secas foram conscientemente arquitetados para a conservação dos privilégios de determinadas classes sociais. Pode-se notar que as elites econômicas e políticas da época tinham interesse na manutenção da miséria humana, mantendo vivo um ciclo brutal de opressão.

O termo “retirantes” utilizado a todo momento durante as obras diz respeito às pessoas ou aos grupos que saem das suas terras forçadamente em busca de ambientes com melhores condições para a sua existência. A migração, nesse contexto, não se trata de uma questão de escolha, mas de sobrevivência. Esse tipo de violência marca a história das famílias de Chico Bento e Fabiano: é nas estradas pedregosas que acontecem as maiores crueldades vivenciadas pelos sertanejos.

A representação da fome nessas narrativas foram construídas através da extrema privação alimentar e da percepção de fome pelos personagens. Os gêneros alimentícios encontrados nos contextos de escassez conversam claramente com a dieta sertaneja descrita por Josué de Castro em momentos de seca, a saber, pobre em todos os sentidos possíveis. Dentre esses alimentos destacaram-se a farinha, rapadura, papagaio, preá, tejuauçu e as iguarias bárbaras, tais como raízes, sementes, plantas venenosas, tripas de animais e carne podre. De forma geral, a fome colocou os retirantes em deploráveis condições alimentares: os alimentos tóxicos, podres, de baixa qualidade ou que outrora não eram considerados comestíveis passaram a fazer parte da alimentação para garantir minimamente a sobrevivência.

Os contextos de ajuda aos migrantes sertanejos ocorreram em campos de concentração, termo por si só violento, que remete à brutalidade e ao confinamento. Nesses locais não havia

efetivamente assistência por parte do poder público, mas o contrário: fome, doenças e morte. As pessoas que vinham em busca de ajuda eram alocadas aos montes para morrerem uns em cima dos outros. As estratégias adotadas pelo poder público configuravam-se verdadeiros mecanismos de extermínio à população pobre.

As figuras de autoridades construídas nessas obras simbolizam aparelhos de repressão. O autoritarismo social enraíza-se em todas as camadas da sociedade, violentando, desumanizando, explorando e massacrando os retirantes sertanejos. Esses aspectos podem ser identificados tanto na esfera pública (com o governo, o soldado amarelo e os agentes da prefeitura), quanto na esfera privada (com as oligarquias invadindo o espaço público e o patrão abusando do poder sobre os empregados).

Esses romances da década de 30 possuem um papel de extrema relevância na denúncia contra a miséria produzida em torno da seca no sertão nordestino. As críticas foram construídas corajosamente em contextos históricos, políticos e sociais marcados pelo autoritarismo. O engajamento social dos autores tornaram as suas obras ferramentas de luta contra as injustiças sociais. A construção da trama através dos personagens e dos cenários, embora pareça simples, acompanha uma carga histórica muito expressiva. Durante a leitura das obras, notam-se profundas denúncias contra as misérias causadas pela perpetuação da seca no horizonte sertanejo.

Por fim, apesar da dolorosa construção das imagens e dos contextos nessas narrativas, também foram formadas imagens de resistência. A fome, a violência, a morte e todas as brutalidades não conseguiram apagar a história dos retirantes sertanejos. Eles simbolizam força e resistência: suas experiências, tradições, lutas e identidades transcorrem, de forma atemporal, a nossa história, tecendo e revelando novos saberes em todos os campos do conhecimento, sejam eles científicos ou populares.

7. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA NO CAMPO DE ATUAÇÃO

As implicações deste trabalho para a prática profissional abrange o campo de ensino, pesquisa e extensão. O desenvolvimento das discussões também pode ser levado para âmbito da saúde pública. Apesar dos romances abordados não serem documentos científicos, eles trazem uma abordagem diferente sobre a história social brasileira, em especial, sobre a fome, que embora seja um problema muito antigo, ainda não é uma realidade passada.

As obras de Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz nos permitem acompanhar a variação da sociedade ao longo do tempo. Apesar das notáveis modificações no campo das ciências, em especial, da saúde pública, ainda hoje persistem padrões e ideologias que carregam consigo enormes cargas de violência contra determinados grupos sociais.

José Raimundo Junior, em sua dissertação intitulada *A fome e a miséria na alimentação: apontamentos para uma crítica da vida cotidiana a partir da Geografia Urbana*, aponta que uma crítica radical se destaca como necessária nesses contextos. Conforme o autor, a mediação dos problemas sociais pelo poder público nas sociedades capitalistas está distante de atingir as estruturas reprodutoras da miséria: “ao administrar as crises ele [o Estado] está tentando articular interesses, está tentando esconder as contradições centrais da reprodução capitalista” (JUNIOR, 2008, p. 77). Desse modo, é preciso cada vez mais pensar estratégias para superação efetiva dos obstáculos que pairam sobre a nossa sociedade.

Durante o desenvolvimento deste estudo, nota-se a necessidade de uma ampla formação (inter/transdisciplinar). A temática da fome foi abordada por diversos campos do conhecimento, que foram desde a nutrição até a produção literária. Nesse sentido, é perceptível que o pensamento social na área da saúde é indispensável para uma formação crítica profissional. A recordação da memória de um povo configura-se como um caminho possível para direcionar as nossas atitudes e trabalhar na superação dos problemas sociais ainda existentes que se esbarram em diversos entraves poderosos.

8. REFERÊNCIAS

- Althusser L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Lisboa: Editorial Presença; 1974.
- Augusto A. Para além da prisão-prédio: as periferias como campos de concentração a céu aberto. Cad. Metrop., São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 263-276, jan/jun; 2010.
- Bastos H. Introdução à mesa-redonda formas da reificação. 4º Colóquio Marx e Engels do IFCH/Unicamp, 04 a 08 de setembro de 2005. Disponível em: <https://unicamp.br/cemarx/ANAI%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT5/gt5m2c5.pdf>. Acesso em: 07 de outubro de 2024.
- Bosi A. História concisa da literatura brasileira. 50ª edição. São Paulo: Cultrix; 2015.
- Brasil. Ministério da Saúde. Insegurança alimentar e nutricional; 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/glossario/inseguranca-alimentar-e-nutricional>. Acesso em: 23 de setembro de 2024.
- Candido A. Literatura e sociedade. 9ª edição. Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro; 2006.
- Castro J. A geopolítica da fome. São Paulo: Editora Brasiliense; 1968.
- _____. Documentário do Nordeste. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense; 1965.
- _____. Fome: um tema proibido - últimos escritos de Josué de Castro / Anna Maria de Castro (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003.
- _____. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Antares; 1984.
- Cattapan, JCR. O quinze: contrastes e tensões. Revista Diadorim, vol. 7, Dossiê Rachel de Queiroz, Rio de Janeiro, p. 99-114; 2010.
- Chauí M. Sobre a violência. Org. Itokazu EM e Berlinck LC. 1ª ed. Belo Horizonte: Audiência Editora; 2019.

Costa R. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro, pp.02-15; 2007.

Coutinho CN. Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas. 4ª edição. São Paulo: Expressão Popular; 2011.

Cristina Queiroz. Memórias da seca: Articulação entre pesquisadores e movimentos sociais assegura tombamento de campo de concentração no Ceará. Revista Pesquisa FAPESP, 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/memorias-da-seca>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

Facó, R. Cangaceiros e Fanáticos. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1976.

Gaio R, Carvalho RB e Simões R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: Gaio R. (org.). Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes; 2008.

Jesus CM. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10ª edição. São Paulo: Ática; 2014.

Junior JRSR. A fome e a miséria na alimentação: apontamentos para uma crítica da vida cotidiana a partir da Geografia Urbana [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 2008.

Lafetá JL. 1930: a crítica e o Modernismo. São Paulo: Duas Cidades. Edição. 34; 2000.

Leme AS. Josué de Castro e a fome: gênese e gestão de uma questão social no Brasil [Tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; 2023.

Marcuse H. A dimensão Estética. São Paulo: Martins Fontes; 1977.

Nery HR. Presença de Rachel. Ribeirão Preto: Editora Funpec; 2002.

Neves, FC. Curral dos Bárbaros: Os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). Revista Brasileira de História. São Paulo: V. 15, N.29, pp. 93-122; 1995.

Projeto Portinari. Disponível em: www.portinari.org.br/acervo/obras. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

Queiroz R. O Quinze. 118ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio; 2022.

Rabello RB. Vidas Secas e Aspectos de Reificação. Revista Entrelaces – Ano V – nº 06 – jul.-dez. ISSN 1980-4571; 2015.

Ramos G. Vidas Secas. 162ª edição. Rio de Janeiro: Record; 2023.

_____. Carta de Graciliano Ramos a Portinari; 1946. Disponível em: <https://graciliano.com.br/1946/02/carta-de-graciliano-ramos-a-portinari>. Acesso em: 06 de novembro de 2024.

Ricoeur P. Teoria da Interpretação. Porto: Editora Porto LDA; 1995.

Rios KS. Isolamento e poder Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária; 2014.

Santiago S (org.). Introdução. *In*: Intérpretes do Brasil – vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

Schmidt AF. Fortuna Crítica Uma revelação: O Quinze. *In*: Queiroz R. O Quinze. 118ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio; 2022.

Todorov T. A Literatura em Perigo. Rio de Janeiro: DIFEL; 2009.

Varjão NC. Realidade Social e Opressão no Discurso de Vidas Secas, de Graciliano Ramos [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2012.

Villa MA. Vida e Morte no Sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Ática; 2000.

Williams R. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1979.

_____. O Campo e a Cidade na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.